

# Os heróis anônimos de Brasília

Texto de Honório Dantas

No dia em que Brasília comemora seus 15 anos, deve haver um minuto de silêncio em homenagem àqueles que morreram para que a cidade nascesse: os candangos que perderam a vida, em acidentes de trabalho, nos dias heróicos da construção da nova Capital da República. Não foram poucos. Nem ao menos sabemos quantos. Poucos lembram os seus nomes, massa anônima tangida do Norte e do Nordeste pela esperança de um futuro melhor. Mas, nas vilas ou no sertão mais remoto, haverá sempre uma mulher, um parente, um amigo que, nesta data, dirá para si mesmo: "A cidade completou quinze anos. Pena que ele não esteja vivo para ver como é agora..."

## A ESTRADA DA ESPERANÇA

Com o início da construção de Brasília, o país inteiro foi despertado pela oferta de trabalho no Planalto Central.

Nas regiões mais distantes, a boa nova surgiu como uma fantástica história do romancista popular: "Em Brasília, há serviço para muitos e muitos anos. Os homens trabalham dia e noite. Equipes se revezam, incansáveis. E o dinheiro está ali para quem quiser ganhar."

Nos pobres sertões brasileiros, estrangulados pelos latifúndios improdutivos, os homens viam os dias passar, sempre iguais, sem perspectivas de melhora, sem horizonte e sem esperança.

Aí surgiu a fantástica história da cidade que estava sendo erguida em meio ao cerrado quase virgem. Para que a visão do Presidente se tornasse realidade, bastava apenas os braços dos homens dispostos.

E estes acorreram de toda parte. As empoeiradas estradas municipais de repente se transformaram nos rios humanos: famílias inteiras que se deslocavam, nos precários caminhões "pau-de-arara", a caminho de Brasília.

Cortando fazendas, evitando as estradas pavimentadas, onde podiam se defrontar com os postos fiscais e as incômodas perguntas dos insensíveis homens da ordem e do cotidiano - os peões da esperança afluíram até o Planalto.

Sem o saberem, eram os soldados de uma batalha então incerta; sem se aperceberem, formavam o exército que ia lutar contra o cerrado inóspido e criar a cidade do futuro.

## OS CANDANGOS

Eram os candangos. Numa coisa não se haviam iludido: as companhias responsáveis pela construção da cidade já os esperava e, mal desciam dos caminhões pau-de-arara, preenchiam sumariamente as fichas e começavam a trabalhar.

Poucos tinham uma profissão. Mas todos eram dotados de uma imensa vontade de trabalhar.

Carpinteiros, pedreiros, vidraceiros - eram imediatamente encarregados de serviços de responsabilidade.

Os demais, iam engrossar as legiões de serventes, a preciosa e compacta massa em que se baseava toda a construção da cidade.

Com o decorrer dos dias, os que revelavam mais habilidade, eram naturalmente selecionados; promovidos, passavam a ter melhor paga e viam aumentar suas perspectivas de trabalho.

Todos, porém, ganhavam mais do que havia esperado. Para isto, contavam com o trabalho noturno, as horas extras, os domingos e feriados. Se o homem estava ali para trabalhar, não lhe interessava o laser e a folga: preferia pegar no dobrado e, igualmente, ganhar dobrado.

Para quem os observou, ao longo dos anos que se levou para erguer a cidade, só ocorria uma palavra para os definir: obstinados. Sim, obstinados, conscientes do valor de suas mãos, integrados no espírito de pioneirismo que animava todo o Planalto Central.

## HERÓIS ANONIMOS

Diante da obra, o homem recém-chegado do interior enfrentava o primeiro interrogatório antes de ser designado para um dos canteiros.

Profissão?

Não sabia o que dizer. De onde vinha, sabia usar as mãos, praticava uma agricultura empírica, de subsistência. Poderia dizer que era agricultor. Mas para que servia ser agricultor naquele mar de barro vermelho, de poeira e máquinas imensas?

O encarregado tentava outro meio de saber o que queria:

- O que é que sabe fazer?

O homem, na confiança dos desesperados:

- Sei fazer tudo, patrão. É só mostrar como é.

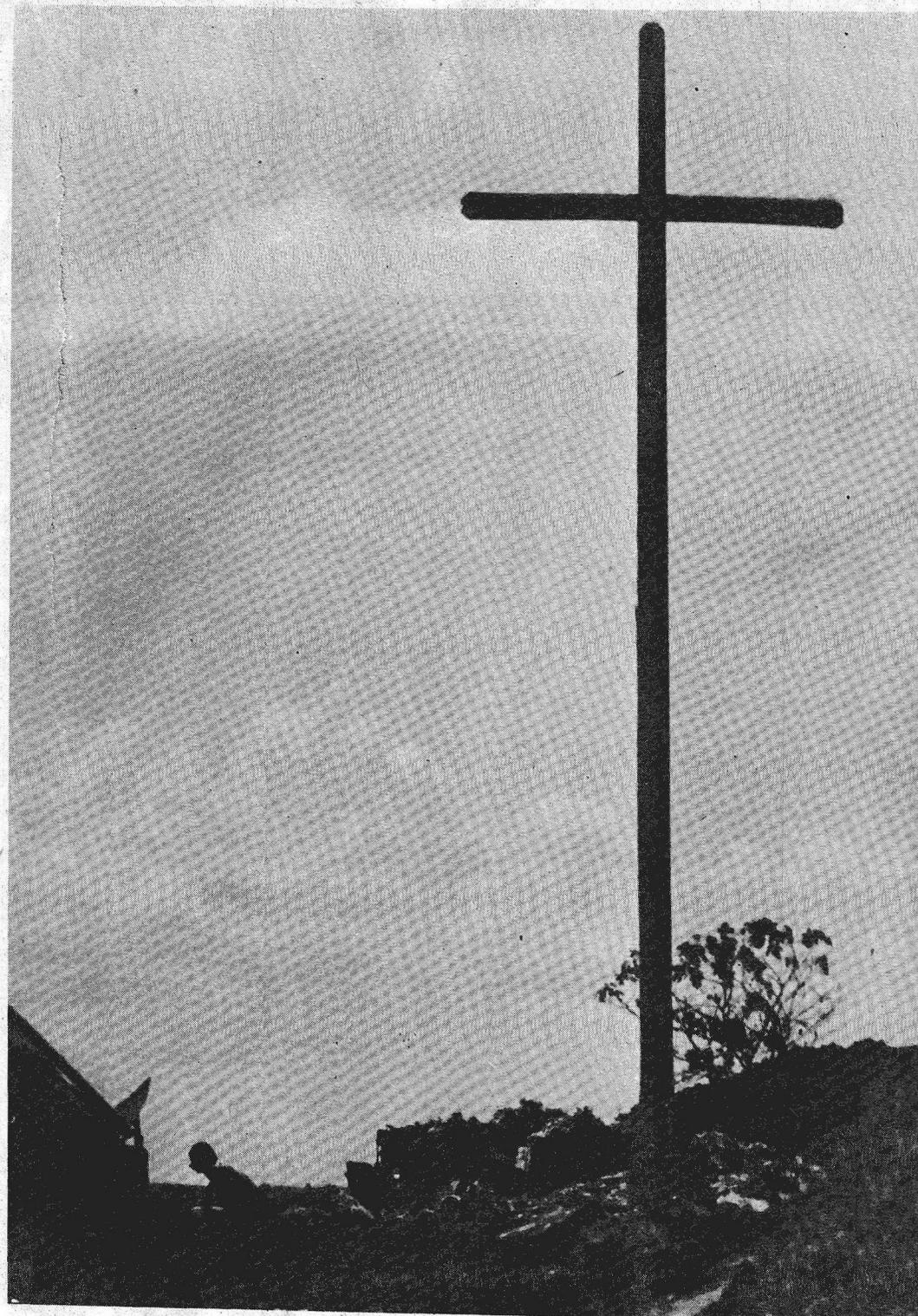
Não viera de tão longe para esbarrar na mínima objeção. E os encarregados sabiam disso.

Vontade de trabalhar, disposição, coragem. Mas, muitas vezes, isso não bastava. Com certa inabilidade, muitos pereceram em repetidos acidentes de trabalho.

Esses heróis anônimos, que haviam partido de suas terras com a esperança de, um dia, trazerem sua mulher e filhos para viverem na cidade que estavam construindo - perderam a vida sem ver a cidade projetada para ser a nova Capital da República.

No dia em que a cidade completa 15 anos, plenamente consolidada, aqueles que morreram para que o sonho se tornasse realidade, merecem nossa saudade e nosso preito de gratidão.

Eles descansam em paz, na paz dos justos, dos que morrem com a consciência do dever cumprido.



*Na missa do  
Cruzeiro,  
um minuto para  
a lembrança  
daqueles  
que  
morreram  
para que a cidade  
nascesse*